

REFRAÇÕES E SENTIDOS: EM BUSCA DE UMA MEMÓRIA DA PALAVRA

REFRACTIONS AND SENSES: IN SEARCH OF A MEMORY OF THE WORD

Fábio Luiz de Castro Dias*

Caroline Aparecida de Lima**

RESUMO: fundamentando-nos no campo epistemológico e metodológico do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov – doravante, CBMV –, a nossa escrituração possui como objetivo a realização de um mapeamento teórico sobre a formação da *palavra* como um *signo*, passando pela sua construção através da *refração ideológica*, para, então, analisarmos os processos pelos quais se constitui a sua *memória* pelos seus *sentidos* e pelas suas *significações*. Para realizá-lo de modo adequado, ancoramo-nos, especialmente, em Bakhtin (2006; 2011; 2015; 2016; 2017; 2018), em Medviédev (2016) e em Volóchinov (2013; 2017), em consonância com as análises de comentadores e de pesquisadores como Morson e Emerson (2008), Stella (2016) e Villarta-Neder (2018). Trata-se de uma análise bibliográfica de natureza descritiva, interpretativa e qualitativa, pela qual almejamos contribuir para as discussões e para as reflexões no campo do CBMV.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Palavra. Refração. Sentido. Signo ideológico.

ABSTRACT: based on the epistemological and methodological field of Bakhtin, Medvedev and Voloshinov's Circle - henceforth, BMVC -, this article aims to execute a theoretical mapping about the formation of the *word* as a *sign*, passing through its construction through *ideological refraction*, for, then, analyze the processes by which its *memory* is constituted by its *senses* and its *meanings*. In order to do this properly, we are anchored especially in Bakhtin (2006; 2011; 2015; 2016; 2017; 2018), Medvedev (2016) and Voloshinov (2013; 2017), in line with the analysis of commentators and researchers such as Morson and Emerson (2008), Stella (2016) and Villarta-Neder (2018). This is a descriptive, interpretative and qualitative bibliographical analysis, by which we aim to contribute to the discussions and reflections in the field of BMVC.

KEYWORDS: Memory. Word. Refraction. Sense. Ideological sign.

* Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Bolsista de iniciação científica (PIBIC-UFLA). Membro pesquisador do grupo de pesquisa Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC/UFLA/CNPq).

** Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Membro pesquisadora do grupo de pesquisa Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC/UFLA/CNPq).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

1 Considerações iniciais

“A palavra tradicionalmente foi tratada de forma abstrata, desvinculada de sua realidade de circulação e posta como um centro imanente de significados captados pelo olhar/ouvido fixo do observador” (STELLA, 2016, p. 177). Porém, em sua realidade fenomênica, manifesta-se como uma produção das relações entre os sujeitos, cuja existência e cuja materialidade realizam-se apenas nos seus usos alteritários e unioorrentes, encadeando-se em seus movimentos prospectivos e retrospectivos no diálogo do *grande tempo* (BAKHTIN, 2011, p. 410), quando se torna, enquanto um *signo ideológico* (VOLÓCHINOV, 2017), o *objeto material* no e pelo qual se reflete e refrata-se a vida social em formação, sobre uma *infraestrutura* e sob uma *superestrutura*. Como produção de um *heterodiscurso* (BAKHTIN, 2015), revela-se como a concretude da alteridade constitutiva e reguladora do processo de formação dos sujeitos.

A palavra não se determina, portanto, apenas pela face de sua *significação estável*, isto é, pelos seus aspectos *inteirativos* (BAKHTIN, 2017). Ao contrário, realiza-se através dos seus *sentidos alteritários, irrepitível e singulares* em cada acontecimento unioorrente de interação discursiva, constituindo-se entre, no mínimo, dois sujeitos organizados em uma sociedade. Logo, trata-se de uma unidade global na qual se articulam processos ideológicos de significação para a efetivação da sua produção representacional e semântica.

Lembremo-nos da voz de Volóchinov (2017), segundo a qual, na palavra, sendo um signo ideológico, “[...] *cruzam-se ênfases multidirecionais*” (p. 113), uma vez que as suas refrações se efetivam em direção à composicionalidade específica de cada classe¹ e à unicidade unioorrente de cada sujeito, jamais se coincidindo, de maneira

1 Compreendemos que se trata de um processo que se dá no interior de subclasses, às quais poderíamos nos referir como grupos. Também, o nosso entendimento de classe social não se fundamenta em uma visão homogênea e esférica de sua constituição. Graça Druck (2018), em seu recente artigo *A metamorfose das classes sociais no capitalismo contemporâneo: algumas reflexões*, conta-nos como Engels [1820-1895], por exemplo, já se debruçava sobre a heterogeneidade da *classe proletária* (ou *trabalhadora*). Segundo as suas palavras, “[...] talvez uma das mais importantes – e atuais – contribuições de Engels (2008) é a afirmação sobre a *heterogeneidade* da classe trabalhadora, composta por: operários fabris, desempregados, operários industriais sem direitos, com direitos, mulheres, crianças, estrangeiros, proletariado rural etc., cuja condição que unifica a todos é a de serem

absoluta, em seu sentido, por mais *empático* que seja o processo de sua formação. Logo, a palavra “[...] se torna a arena onde se desenvolve a luta de classe” (BAKHTIN, 2006, p. 47, grifamos)², realizando-se na fronteira conflituosa entre, minimamente, o *eu* e o *outro*.

Constituindo-se nos e pelos períodos históricos – sob as condições ideológicas e materiais da sociedade na qual se encontra –, no interior, como uma de suas peças necessárias, de um acontecimento de relação alteritária através de interações discursivas – isto é, em uma situação enunciativa, na qual se realiza a sua *orientação social* (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280) –, a palavra, seja como enunciado³ autônomo, seja como componente enunciativo, encontra-se arraigada, de certo modo, a um determinado *cronotopo*⁴ (BAKHTIN, 2018), cuja dimensionalidade realiza-se através

forçados a vender a força de trabalho para sobreviver. Uma *heterogeneidade* que não é considerada como elemento determinante de fragilização da classe, pois, para Engels (2008), a fragilidade da classe é oriunda da brutal concorrência entre os trabalhadores e da ausência de associações que possam aglutiná-los e organizá-los no embate com os capitalistas” (p. 75, grifamos). Logo, “[...] a *heterogeneidade* ou a *homogeneidade*, a complexificação ou a simplificação das classes são processos históricos e como tais devem ser analisadas tomando por referência as realidades concretas, sobretudo as transformações que redefinem a condição de subordinação do trabalho ao capital e as decorrentes implicações na conformação de uma e outra classe” (DRUCK, 2018, p. 71, grifamos). Parece-nos pertinente, de igual modo, que consideremos a heterogeneidade como extensiva às demais classes sociais.

2 Aqui, especificamente, decidimos usar a primeira tradução brasileira, que se realizou a partir da francesa, de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), cuja autoria atribui-se a Bakhtin, não a Volóchinov. O nosso uso justifica-se em nossa escolha conceitual e semântica do excerto ao qual nos referimos, haja vista que, ali, presenciamos uma maior intensidade do confronto ideológico entre as classes e os grupos através dos quais se forma o signo. De igual modo, vemos uma semelhante escolha semântica na tradução inglesa, cuja autoria, no entanto, dá-se a Volóchinov. Eis a citação correspondente da edição em inglês: “sign becomes an arena of the class struggle” (VOLOŠINOV, 1973, p. 23). Na italiana, cuja autoria concede-se a Volóchinov, deparamo-nos com o vocábulo *arena*. Vejamos: “Il segno diviene arena della lotta di classe” (VOLOŠINOV, 2014, p. 1507). Na última tradução brasileira, de Grillo e Américo (2017), que se realizou a partir do russo, concede-se a autoria, também, a Volóchinov. Porém, ao invés de *arena*, traduziu-se a correspondente palavra russa como *palco*, o que não nos parece referir-se à contundência dos conflitos constitutivos das relações entre as classes sociais.

3 A sua definição encontra-se na seção de *princípios metodológicos*.

4 Conceito pelo qual Bakhtin nos mostra a indissociabilidade do espaço e do tempo, que se interligam em suas relações (BAKHTIN, 2018, p. 11). A sua inseparabilidade refere-se a um princípio importante: qualquer movimento no espaço se acompanha de outro no tempo e vice-versa. Trata-se de uma *forma* imprescindível para a produção dos processos de conscientização, ou seja, de representação, o que se realiza através dos enunciados concretos dos sujeitos. Logo, qualquer enunciação se enquadra em e por seu cronotopo, que a enforma. Entretanto, trata-se de uma forma “[...] da própria realidade factual” (BAKHTIN, 2018, p. 12). Logo, definamos o cronotopo, utilizando-o como categoria conceitual para analisarmos os fenômenos da nossa existência, enquanto *forma da percepção e da representação* necessária ao processo de conscientização, que se organiza, dialeticamente, a partir das próprias representações – entendamos enunciação –, constituindo-se e se desenvolvendo a partir das

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

de procedimentos pelos quais mapeamos a sua *duração*, como, por exemplo, uma análise da estabilidade relativa de certas condições materiais da infraestrutura em sua correlação com o equilíbrio de uma dada significação em localidades geográficas, em estamentos sociais, em grupos etnográficos e em períodos históricos.

No entanto, no seu cronotopo, a palavra forma-se enquanto uma refração pela qual os sujeitos representam a sua existência em formação, acentuando-se de modos distintos. A partir daí, podemos compreender as razões pelas quais dadas *significações* tornam-se estáveis em detrimento de outras, analisando os processos ideológicos pelos quais se realizam. De modo semelhante, as amplas e profundas *massas ideológicas* de sentidos produzem-se nas alteridades, mas se submetendo às lutas históricas e sociais pela posse *hegemônica* (MACCIOCHI, 1980) da autoridade necessária às *fabricações* e às regulações das suas *semantidades*, delimitando-se quem pode ou não se tornar *o sujeito do discurso*.

Portanto, agitam-se e se irradiam, no e para o interior das palavras – que são mutáveis e variáveis arquitetônica, cultural, geográfica, histórica, política e socialmente –, ecos de sentidos pretéritos, longínquo ou próximo, reemergindo-se de maneira modificada e revigorada, em *cronotopos futuros*, no âmago das palavras enquanto signos ideológicos se constituindo por meio dos seus usos, em um diálogo ininterrupto no movimento do espaço social e no transcurso da temporalidade histórica, no qual não podemos pressupor a absoluta mortificação dos sentidos. Ao contrário, consolidam-se e se estabilizam na “[...] memória das línguas, dos gêneros, dos rituais [...]” (BAKHTIN, 2017, p. 39). E, assim, poderíamos acrescentar aos dizeres do filósofo russo: na *memória das palavras*, o que se realiza através das séries de refrações ideológicas pelas quais se forma, seja qual for a durabilidade e a extensão de seu cronotopo.

Partindo de nossos pressupostos, desejamos, aqui, elaborar uma discussão e uma reflexão, ambas de intuito teórico, realizando uma avaliação bibliográfica para a exploração conceitual de nosso assunto. O nosso objetivo primário, portanto, volta-se à elaboração de uma série de *apontamentos epistemológicos*, permitindo-nos a

condições históricas e sociais de uma sociedade, isto é, pela organização histórica e social dos sujeitos, ligando-se aos seus sistemas de produção material.

análise de um arcabouço conceitual, ao qual aplicamos o princípio metodológico do *correlacionamento* (BAKHTIN, 2011, p. 410).

2 Princípios metodológicos

A nossa escrituração fundamenta-se sobre a sua natureza descritiva, interpretativa e qualitativa, uma vez que se trata de uma análise bibliográfica. E, no campo do CBMV, dispomo-nos de um procedimento metodológico para fazê-lo de modo aceitável, pelo qual o dialogismo se mantém e sustenta-se como um de seus pilares imprescindíveis. Referimo-nos ao princípio do correlacionamento, que se encontra em Metodologia das ciências humanas, pequena e fragmentada obra na qual Bakhtin (2011) nos oferece parte de sua compreensão sobre uma epistemologia das ciências humanas a partir de seus métodos dialógicos, pelos quais quaisquer relações entre enunciados – textos de diferentes e variadas materialidades – trata-se de uma interação entre sujeitos.

Pelo princípio do correlacionamento, realizamos uma aproximação responsiva entre enunciados. Trata-se de uma compreensão dialógica das relações entre textos, para os, necessariamente, a presença de um sujeito. Nas palavras de Bakhtin (2011), “cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (p. 400). Logo, cada enunciado – o texto no e para o qual se reconhece a presença da voz de um sujeito – lança-se para além de si mesmo, pelas suas características próprias.

A definição de enunciado do CBMV caracteriza-se por uma série de particularidades epistemológicas. O conceito, em russo, é *высказывание* (*viskázivanie*). Define-se, em primeiro, por afastar-se de uma concepção pela qual se separa a produção (a enunciação) do produto (o enunciado). Ao contrário, determina-se como um ato processual de se enunciar no qual ambos se encontram, a produção e o produto, articulados em uma unidade global, que, segundo Bakhtin (2016), é a “[...] real unidade da comunicação discursiva [...]” (p. 28). Resumidamente, Silva (2013) diz-nos que,

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

para algumas teorias que estudam a linguagem, a enunciação é o ato de pôr em uso o sistema da língua (um processo) e o enunciado é o resultado desse ato (produto). Em outras palavras, para estas teorias, o enunciado é o produto de um processo, que é a enunciação. No pensamento bakhtiniano, essa distinção não é posta, pois um dos conceitos fundamentais da teoria é o de enunciado concreto, que é um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção (p. 49).

Portanto, no enunciado, consubstanciam-se os aspectos extraverbais, não verbais e verbais, formando-se como uma globalidade ideológica de sentido para a qual se reconhecem a presença de dois ou mais sujeitos, organizados em sociedade.

Em segundo, o enunciado, definindo-se pela presencição necessária dos seus sujeitos, cada qual como a unidade global de produção ideológica de sentido, limita-se apenas por outro responsivo, retrospectiva e prospectivamente. Em outros dizeres, os enunciados ligam-se ao se responderem de maneira dialógica no transcurso da história. Cada enunciado “é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc). O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta” (GRILLO; AMÉRICO, 2017, p. 357). Na suas responsabilidades retrospectivas e prospectivas, os enunciados constituem-se e se regulam, interpenetrando-se na sua interdependência ideológica na produção de sentido. Não podemos pressupor a existência de um enunciado isolado. Ao contrario, um enunciado só se forma na sua relação com outros nas séries das cadeias multidirecionais (VILLARTA-NEDER; TEIXEIRA; CASTRO DIAS, 2019) nas quais se insere de modo responsável e responsivo.

A partir do conceito de enunciado, constitui-se o princípio do correlacionamento, uma vez que as obras das quais nos utilizamos se respondem enquanto enunciados em relação nas séries de cadeias enunciativas, como uma “[...] mônada original, que reflete todos os textos (no limite) de um dado campo do sentido” (BAKHTIN, 2016, p. 74). Concedemos um contexto a um enunciado quando o correlacionamos com os outros aos quais responde. Como nos diz Bakhtin (2011),

o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição” [...] (p. 401).

E Geraldi (2012), utilizando-se da ideia de cotejamento – que compreendemos que seja uma releitura do conceito de correlacionamento –, afirma-nos que

dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem (p. 33).

A partir do correlacionamento ou do cotejamento, portanto, empreendemos a aproximação responsiva entre as obras dos autores do CBMV – sobre às quais lançamos luzes a partir de comentadores e de pesquisadores de nossa área –, compreendendo-as como elos, aos quais o dialogismo se aplica, que se unem na formação de uma série de cadeias multidirecionais de enunciados, completando-se no infinito diálogo sobre os fenômenos humanos a partir da linguagem.

3 Uma concepção dialógica de língua: o *heterodiscurso*

Para certos pesquisadores bakhtinianos, como Sobral e Giacomelli (2018), a linguagem caracteriza-se por sua imprecisão constitutiva. Segundo os autores, “[...] para Bakhtin e o Círculo, língua é já linguagem, e a linguagem, para ele, é algo vivo, concreto, impuro, impreciso” (p. 398). No âmago de uma concepção dialógica, necessitamos de considerar a contingencialidade dos sentidos, que se constroem, indetermináveis e instáveis, em um constante embate ideológico entre os sujeitos, estruturando-se sobre, contudo, as significações inteiráveis e possíveis, sob as condições ideológicas e materiais das sociedades nas quais se instituem. Logo, o diálogo pelo qual se caracteriza a linguagem humana, bakhtinianamente, trata-se de um conflito (BAKHTIN, 2017, p. 36) se realizando no solo do acaso, a partir do qual se pode emergir o consenso ou o dissenso, dando-se através das formas de responsividade prospectiva e retrospectiva (isto é, remetendo-se ao futuro e ao

passado). Encontramo-nos, portanto, no cerne da concepção dialógica de língua(gem), que se desenvolveu de modo específico a partir de cada uma das epistemologias dos integrantes do CBMV, que, nas palavras de Morson e Emerson (2008),

sustentam que a linguagem é fundamentalmente dialógica e condenam a noção de que a linguagem é de certo modo um sistema, fechado ou aberto, estático ou dinâmico. Para eles, a linguagem não é um todo autônomo ou semi-autônomo que vem interagir com forças extralinguísticas. As forças extralinguísticas são, antes, constitutivas da linguagem e de sua história. Assim, a linguagem deve ser entendida numa perspectiva “metalinguística” (Volochínov diz “sociológica”) (p. 185).

Entretanto, como definiremos o conceito de palavra? Antes de mais nada, no bojo de uma concepção de língua como heterodiscurso (BAKHTIN, 2015), em sua relação com uma análise dialógica da linguagem. A visão heterodiscursiva trata-se de uma compreensão da língua e da linguagem como fenômenos que somente se constituem e realizam-se na e pela alteridade das interações sociais, ambos imersos na realidade ideológica e material da existência histórica dos sujeitos organizados na sua hierarquia social. De modo específico, refere-se a uma concepção de língua que se marca pelas historicidades advindas dos seus embates ideológicos, que se manifestam através dos diversos índices de valor (VOLÓCHINOV, 2017) no seu interior. Como nos aponta Volóchinov (2019),

a língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também discursiva (p. 267).

Uma acepção heterodiscursiva revela-se como o contrário de um olhar pelo qual a língua se compreende como uma abstração gnosiológica, isto é, como um sistema de absoluta autonomia, cuja desenvolvimento intrínseco se realizasse apartado das existências e das vivências históricas e sociais dos sujeitos. Não se trata de um objetivismo abstrato, muito menos de um subjetivismo individualista, mas, sim,

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

de um dialogismo histórico, através do qual podemos analisar a língua como um ininterrupto diálogo conflituoso e tenso, no grande tempo, entre forças ideológicas – constituídas pelos e constitutivas dos lugares unioverbiais de cada sujeito, pelos quais se refrata –, formando-se complexos verbais de valor a partir dos seus diferentes usos sociais. Bakhtin (2015), em Teoria do romance I: a estilística, pauta-se sobre uma análise semelhante, sobretudo em suas críticas às compreensões sistêmicas e abstratas dos fenômenos linguísticos. Segundo o filósofo,

a filosofia da linguagem, a linguística e a estilística postulam uma relação simples e imediata do falante com “sua” língua única e singular e uma realização simples dessa língua no enunciado monológico do indivíduo. No fundo, elas só conhecem dois polos da vida da linguagem, entre os quais se situam todas as manifestações linguísticas e estilísticas que lhe são acessíveis: o sistema da língua e o indivíduo que fala nessa língua (BAKHTIN, 2015, p. 38-39).

Trata-se de olhar para a língua não como um neutro objeto imediato, em um vínculo biunívoco entre um sujeito e um sistema, mas, sim, de uma relação entre sujeitos em interação na e pela língua, mediando-se e se representando. Nas palavras Bakhtin (2017), “para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias e nas dos outros, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica” (p. 38, grifamos). Em outros dizeres, trata-se de ser com o outro no embate dialógico, em suas historicidades alteritárias e unioverbiais, no uso da língua enquanto um fenômeno histórico, cuja existência dá-se apenas nas e pelas suas interações sociais, ao mesmo tempo no qual só se constituem como sujeitos na e pela língua(gem), que constroem e transformam – logicamente, não se trata de uma mudança de absoluta consciência da língua, mas, sim, de transformações que ocorrem por suas condições estruturais e históricas, de constituição ideológica. Sobre a sua compreensão da língua como heterodiscurso, diz-nos Bakhtin (2015) que

não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua ideologicamente preenchida, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um maximum de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica (p. 40).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Relacionar-se com a língua, portanto, é uma interação dialógica e ideológica com o outro através da palavra – aqui, no sentido de produção verbal –, vivenciando-a não como sistema, mas, sim, como heterodiscurso: através do outro, dialogicamente, no seu uso concreto, como um fenômeno da existência histórica em formação, cuja constituição se atravessa, constitutivamente, pelas cosmovisões e pelas vozes das classes e dos grupos de uma sociedade, ou seja, pelos seus índices de valor. E, seguindo direção semelhante, fala-nos Bakhtin (2017) que

eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana. A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). Para cada indivíduo, essa desintegração de todo o expresso na palavra em um pequeno mundinho das suas palavras (sentidas como suas) e o imenso e infinito mundo das palavras do outro são o fato primário da consciência humana e da vida humana [...] (p. 38).

A língua, em nível arquitetônico⁵, mostra-se como a materialidade das relações alteritárias entre o eu e o outro, a pedra angular das historicidades dos sujeitos formados e organizados na eventicidade histórica de suas sociedades. Enquanto uso contínuo, trata-se de um acontecimento que se efetiva por meio de enunciados responsivos, mesmo que se manifeste como monológico em sua ordem composicional (SOBRAL, 2010), em correlação com as suas funções ideológicas e com os seus gêneros discursivos. Assim,

5 Referimo-nos ao modo através do qual entendemos o sujeito: como uma *arquitetônica em devir*. Ou seja, uma articulação, aberta, contingencial, inacabada, instável e processual entre as instâncias do *eu-para-mim*, do *outro-para-mim* e do *eu-para-o-outro* (BAKHTIN, 1993, p. 71). “Todos os valores da vida e cultura reais estão dispostos em torno dos pontos arquitetônicos do mundo real do ato realizado ou ação: valores científicos, valores estéticos, valores políticos (incluindo tanto os éticos como sociais), e, finalmente, valores religiosos. Todos os valores espaço-temporais e todos os valores de conteúdo são atraídos para e concentrado em torno desses momentos centrais emocionais-volitivos: eu, o outro e o eu para o outro” (BAKHTIN, 2006, p. 71-72).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

em cada momento concreto de sua formação, a língua é estratificada em camadas não só de dialetos no exato sentido do termo (segundo traços formalmente linguísticos, sobretudo fonéticos), mas também – o que é essencial para nós – em linguagens socioideológicas: linguagens de grupos sociais, profissionais, de gêneros, linguagens de gerações, etc. Desse ponto de vista, a própria linguagem literária é apenas uma das linguagens do heterodiscurso e, por sua vez, também está estratificada em linguagens (de gêneros, tendências, etc.) (BAKHTIN, 2015, p. 41).

Em sequência, continua a dizer-nos que

essa estratificação factual e diversamente discursiva não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica. A estratificação e o heterodiscurso se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de descentralização e separação. (BAKHTIN, 2015, p. 41).

Portanto, compreendemos um heterodiscurso para além de uma concepção sistêmica, pela qual a língua se reduz apenas aos seus aspectos funcionais e gramaticais de relativa estabilidade e inteirabilidade, cuja formação e cuja organização realizam-se em e por certas regras imanentes ao sistema linguístico. A partir do CBMV, necessitamos de analisar e de compreender os fenômenos linguísticos, sem desconsiderarmos a sua formação estrutural – mas sobre a qual não podemos deter-nos como se fosse a língua em sua plenitude e em sua vivacidade – sob a égide de sua constituição dialógica e ideológica, centro no qual se constroem e irradiam-se as forças pelas quais a língua se revela como um conflito entre cosmovisões e entre vozes, tornando-se o solo sobre o qual os humanos fazem-se sujeitos nas e pelas suas mediações e representações.

4 A palavra enquanto um signo ideológico: o conflito dialógico

No interior de uma definição heterodiscursiva, já podemos vislumbrar uma concepção ideológica de palavra enquanto um signo que se atrela aos seus usos constantes por sujeitos hierarquizados e organizados em suas sociedades, mas em

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

conflito dialógico. Mostrando-nos a materialidade ideológica da palavra concretizando-se por meio de seu uso social – portanto, ideológico –, Medviédev (2016), em especial, diz-nos que

não importa o que a palavra signifique, antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem. (p. 50, grifamos).

O primeiro aspecto característico dos signos – em especial, da palavra –, como vimos no excerto acima – e como definiremos melhor a partir de Volóchinov (2017), torna-se a sua existência dialógica se realizando em certo material sensível entre sujeitos, no qual se efetiva como um elo pelo qual as consciências únicas ligam-se e se articulam de maneira alteritária, à medida que se formam a partir dos conteúdos ideológicos dos signos. Nas palavras de Medviédev (2016),

não há significado fora da relação social de compreensão, isto é, da união e da coordenação mútua das reações das pessoas diante de um signo dado. A comunicação é aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo. Todos os objetos ideológicos pertencem às relações sociais e não à utilização, à contemplação, à vivência e ao deleite hedonista individuais (p. 50).

Os significados, portanto, realizam-se nas e pelas comunicações sociais. O que nos importa, agora, volta-se à imprescindibilidade da formação ideológica do sujeito na e pela constituição sgnica de sua consciência, o que nos mostra a necessidade do signo ideológico – um objeto de materialidade única – para o desenvolvimento dos seus processos de conscientização – isto é, de representação –, uma vez que somente na e pela significação ideológica e sgnica consegue representar a sua existência para si e para outrem – assim como a si e ao outro para si e para o outro, dialeticamente. Para Medviédev (2016),

o homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de “objetos-signo” dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante. Tudo isso em seu conjunto constitui o meio ideológico que envolve o homem por todos os lados em um círculo denso. Precisamente nesse meio vive e se desenvolve a sua consciência. A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia (p. 56, grifamos).

Volóchinov (2017), por sua vez, direciona-se, a partir de sua leitura responsiva do marxismo, à compreensão segundo a qual “tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia” (p. 91). Em outras palavras, “tudo o que é ideológico possui significação sígnica” (p. 93). A materialidade da ideologia, portanto, realiza-se somente no objeto sígnico, cujo mundo coloca-se ao lado dos fenômenos naturais e sociais (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Indo além, não há, para o sujeito, a concretização da sua existência sem o signo por meio do qual possa realizá-lo, que se forma, por sua vez, somente na exterioridade da distância (BAKHTIN, 2017, p. 40) inerente às relações entre as consciências no processo de sua realização social.

Genealogicamente, Volóchinov (2017) desempenhou uma análise dos procedimentos de formação do signo ideológico, único meio, segundo a nossa concepção, pelo qual podemos realizar as nossas representações. Ou seja, “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Logo, figurando-se nas mais diversas esferas ideológicas – cada qual com a sua orientação e a sua função em relação à existência social em formação –, podemos compreender que

qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante. Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Frisemos apenas que o espaço de criação dos signos ideológicos se encontra entre os sujeitos, na interação que se estabelece entre as suas consciências únicas. Então, trata-se de um processo pelo qual as consciências e os signos, em sua dialética, instituem-se como produções da e na alteridade, realizando-se no campo da interunicidade. A “[...] consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material s^ígnico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Daí, manifesta-se a importância dos signos ideológicos para a existência dos sujeitos. Além do mais, salientemos o caráter ativo e responsivo da criação dos signos ideológicos no seu processo de constituição das consciências, uma vez que se realiza somente nas suas interligações prospectivas e retrospectivas, através das quais se estabelece a sua vida ideológica. Formam-se, portanto, cadeias de signos, que se estendem “[...] entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95), o que se dá, inclusive, nos processos de compreensão e de interpretação. “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97).

Depois de nossas considerações sobre as principais características do signo ideológico – assim como as nossas notações sobre a sua inelutável presença no processo de constituição da consciência dos sujeitos –, observaremos, agora, a especificidade da palavra, para, depois, analisarmos as formações de suas significações e de seus sentidos – ou de seus temas, segundo Volóchinov (2017). A partir daí, perquiriremos a constituição da sua memória – que se trata, no seu âmago, de uma face memória coletiva e da memória social, uma vez que se põe como o meio, enquanto signo, pelo qual se reflete e refrata-se a existência histórica dos sujeitos, processo pelo qual se criam massas ideológicas de sentidos que se ecoam e evocam-se no ato enunciativo da palavra.

Como constituinte imprescindível da consciência, “a palavra é o medium mais apurado e sensível da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99), o que se deve à sua significação, à sua representatividade e à sua clareza (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99). Indo além, a onipresença da palavra caracteriza-se pela sua neutralidade, não no sentido de sua independência do posicionamento ideológico do sujeito enunciador, mas, sim, no de sua capacidade de afiguração em enunciados de

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

quaisquer esferas ideológicas. De outra forma, “[...] a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, mora, religiosa” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99). E,

além disso, existe um campo enorme da comunicação ideológica que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica. Trata-se da comunicação cotidiana. Essa comunicação é extremamente importante e rica em conteúdo. Por um lado, ela entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas [...]. Apenas mencionaremos aqui que a palavra é o material mais usual da comunicação cotidiana. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99-100).

A palavra, portanto, enquanto o signo ideológico por excelência, define-se pelas suas características próprias, através das quais se torna, aliás, onipresente na existência em formação de uma comunidade (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106), desde a consciência única à organização social, fazendo-se acompanhante de qualquer criação ideológica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100). “Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem separados dele por completo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100-101). Contudo, adverte-nos Volóchinov (2017) de que “qualquer refração ideológica da existência em formação, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra como um fenômeno obrigatório concomitante” (p. 101), o que nos explica a incoincidência entre os sentidos produzidos pelos sujeitos através de processos ideológicos, o que se realiza, por sua vez, a partir de seus lugares uniorrentes e de seus posicionamentos valorativos. Portanto, compreendemos a palavra, aqui, através de sua definição a partir de sua conceituação na língua russa: слово (slovo), que, segundo Grillo e Américo (2017), “compreende desde a unidade lexical até a ‘linguagem verbal em uso’ ou o enunciado e o discurso” (p. 364).

Desde o âmago dos processos ideológicos de uso da palavra por um sujeito, encontramos uma definição alteritária. O eu – não se caracterizando como um ser autárquico, mas, sim, como dependente do outro – percebe-se e se sente em um universo verbal de palavras do outro: “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia [...]” (BAKHTIN, 2017, p. 40). E, como nos indica Bakhtin (2017), “a

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

procura da própria palavra é, de fato, procura da palavra precisamente não minha, mas de uma palavra maior que eu mesmo; é o intento de sair de minhas próprias palavras, por meio das quais não consigo dizer nada de essencial” (p. 47). Trata-se sempre de um processo alteritário, no sentido conflituoso e tenso do dialogismo.

O fenômeno da refração ideológica do sentido ajuda-nos no entendimento do acontecimento da bivocalidade (ou, como preferimos, da plurivocalidade) inerente à palavra (BAKHTIN, 2013, p. 235-236), sob uma concepção heterodiscursiva de língua. No seu âmago, constituem-se e se desenvolvem os “[...] fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). Logo,

a palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

A refração se trata, compreendemos, de um procedimento por meio do qual se acumulam massas heterogêneas, instáveis, incoincidentes e moventes de sentidos, cada qual se correspondendo a uma posição discursiva e a uma voz enunciativa. Caracteriza-se como o movimento no qual se concretiza o uso da palavra como um processo mnemônico, pelo qual se torna, enquanto um signo ideológico no uso social, o arcabouço dos sentidos históricos que se produzem pelas vozes dos sujeitos em suas relações alteritárias, à medida que, nas e pelas linguagens, constituem-se em um dialogismo conflituoso e tenso.

A refração ideológica de sentido trata-se do índice pelo qual conseguimos avaliar como as classes, os grupos e os sujeitos, em instâncias distintas de análise, desenvolvem as suas compreensões interpretativas e representativas da sua realidade social, ou seja, da infraestrutura ou da base de sua sociedade a partir de suas posições específicas nas hierarquias da organização social, a considerar a composicionalidade de cada classe, a formação de cada grupo e a unicidade de cada sujeito nos conflitos de interesse e nas relações de poder, em relação às lutas de

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

classe pelas quais se envolvem os processos de produção material e cultural da organicidade da sociedade. A refração, logo, refere-se a um fenômeno discursivo e ideológico que se desenvolve a partir dos conflitos entre as classes e os grupos na convergência e na correlação entre a infraestrutura e a superestrutura. Assim sendo, a existência não apenas se reflete no signo, de modo objetivo, “mas também é refratada nele” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112), o que se realiza pelo “cruzamento de interesses sociais nos limites de uma coletividade sógnica, isso é, a luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112).

5 Entre o sentido e a significação: uma memória dialógica da palavra

A palavra rememora-se⁶ de seus sentidos e de suas significações graças aos movimentos de responsividade prospectiva e retrospectiva nos quais se insere pelas relações dialógicas, entre períodos históricos, nos e pelos sujeitos. “Assim como o gênero, a própria palavra é objeto portador de memória coletiva” (AMORIM, 2009, p. 11). Ora, a memória da palavra revela-se quando, por exemplo, analisamos um objeto discursivo. Sentimos a sua constituição opaca e densa. Opacidade e densidade advindas de sua formação plurivocal: “[...] entre o discurso e o objeto, o discurso e o falante situa-se o meio elástico e amiúde dificilmente penetrável de outros discursos alheios a respeito do mesmo objeto [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 48).

⁶ E entendemos a rememoração a partir de nossa interpretação da concepção vetorial de Paul Ricoeur (2007), segundo o qual “[...] os gregos tinham dois termos, *mneme* e *anamnesis*, para designar, de um lado, a lembrança aparecendo, passivamente no limite, a ponto de caracterizar sua vinda ao espírito como afecção – *pathos* –, de outro lado, a lembrança como objeto de uma busca geralmente denominada recordação, *recollection*. A lembrança, alternadamente encontrada e buscada, situa-se, assim, no cruzamento de uma semântica com uma pragmática. Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança” (p. 24). Logicamente, a palavra não se lembra, per se, de seus sentidos e de suas significações. Nas suas relações discursivas, são os sujeitos ativos, em alteridade, que se rememoram – não em um sentido sempre, em quaisquer situações, de absoluta reflexão e voluntariedade –, responsivamente, dos sentidos e das significações das palavras, evocando-os e os reconstruindo, de maneira ininterrupta, através de processos ideológicos. Outra consideração: pela *mneme*, o processo se dá, segundo a citação anterior, de modo passivo. Preferimos compreendê-lo, entretanto, não como uma dinâmica instaurada em uma passividade do sujeito, mas, ao contrário, em uma imprevisibilidade, em uma instabilidade e em uma indeterminidade das produções ideológicas de sentido, uma vez que se marcam pela contingencialidade da eventicidade histórica da existência em formação, por mais que se submetam aos projetos de uma vontade discursiva (BAKHTIN, 2016, p. 37). Há sentidos e significações, portanto, que se evocam – com os seus ecos inerentes – para além de uma suposta intencionalidade, já que os sujeitos se instauram no solo do acaso, enquanto os sentidos caracterizam-se como devir.

E, aqui, afastamo-nos de uma concepção formal, uma vez que compreendemos que os objetos do e no mundo representam-se pelos e para os sujeitos nas e pelas suas linguagens, formando-se, através de seus índices sociais de valor, como sentidos ideológicos. Não poderíamos, logo, estabelecer associações referenciais sem nos atentarmos para as nossas produções ideológicas de sentido. E, em uma concepção dialógica, não poderíamos nos olvidar das vozes alheias, cujos ecos reverberam-se no interior de qualquer objeto discursivo:

o enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, com sua continuidade, como uma réplica e não como se com ele se relacionasse à parte. (BAKHTIN, 2015, p. 49).

De modo semelhante à memória do objeto (AMORIM, 2009), a da palavra “trata-se de uma memória que está na cultura e em seus objetos. Ela perpassa as relações intersubjetivas e as constitui ao mesmo tempo em que é utilizada por ela” (AMORIM, 2009, p. 10). E, pela sua responsividade prospectiva e retrospectiva ao inserir-se nas cadeias multidirecionais de enunciados, no seu uso concreto por sujeitos históricos em alteridade, trata-se de uma memória que se volta ao assentamento cultural e social do passado, mas que sempre se lança, concomitantemente, à abertura dialética e processual do futuro, em um movimento dialógico de constituição e de regulação entre as temporalidades em devir.

E, no processo de conscientização do mundo (de sua representação), a palavra manifesta-se como indispensável, como apontamos acima – lembremo-nos de que a palavra é o signo ideológico por excelência da consciência humana. Mas, na enunciação, emerge-se com os seus incontáveis e inelutáveis ecos, longínquos ou próximos, de sentidos de vozes alheias, pelos quais se marca a palavra na estrutura inteirável de sua composição significativa de relativa estabilidade, isto é, em sua significação. Logo, o enunciar-se de um sujeito sempre se trata, mesmo sendo único e uniorrente, de uma enunciação alteritária, coletiva e social, na e pela qual outros se enunciam, carregados de sentidos ideológicos.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Entramos, por fim, em uma distinção importante para as nossas reflexões: a diferença entre o sentido e a significação no campo epistemológico do CBMV. Bakhtin (2017) diz-nos que

o sentido é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele sempre deve contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um sentido (isolado), mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contataram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único (um só). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos (p. 42).

Diferindo-se da significação, o sentido se configura como a dimensão unio corrente do processo dialógico de representação da existência no e pelo enunciado, definindo-se como a globalidade da produção ideológica de sentido. O sentido, de maneira constitutiva, vincula-se à alteridade, à contingencialidade e à instabilidade da eventicidade histórica da existência concreta em formação, determinando-se na sua relação com o entrecruzamento entre as instâncias da infraestrutura e da superestrutura, em interdependência das condições históricas e sociais nas quais se esquadram os acontecimentos de interação discursiva dos sujeitos. Por um de seus lados, liga-se a uma cadeia contínua, cujos sentidos se produzem no transcurso dialético da história – “[...] uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLOCHÍNOV, 2019, p. 267), mantendo-se no âmago de certos entrelaçamentos entre esferas da ideologia, cada qual se correlacionando com os seus respectivos campos da atividade. Os sentidos caracterizam-se como irrepetíveis pela unio corrência cronotópica da eventicidade histórica em movimento, marcando-se, portanto, como únicos em sua irredutibilidade, uma vez que se constitui e regula-se na e pela situação histórica na qual se produz.

Volóchinov (2017) refere-se ao sentido como tema. Trata-se da globalidade axiológica e semântica de um enunciado, no qual a palavra ou entra como um componente enunciativo, ou como uma enunciação autônoma. E, para a sua

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

formação, manifesta-se a necessidade da responsividade do outro, instaurando-se, assim, o processo ideológico de cocriação dialógica (BAKHTIN, 2017, p. 36). Fala-nos Volóchinov (2017), em sequência, que “uma significação única e determinada, isto é, um sentido único pertence a qualquer enunciado como uma totalidade. O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu tema” (p. 227-228).

Ao pressupormos a irrepitibilidade e a uniocorrência do sentido, colocamo-nos a afirmar, juntos aos pensadores do CBMV, o devir próprio da existência histórica em sua submissão ao acaso e à imprevisibilidade, em seu movimento através de acontecimentos únicos em relação dialética entre si nas temporalidades. Trata-se do reconhecimento da abertura da realidade social e do sujeito histórico, cujos desenvolvimentos regulam-se no dialogismo histórico. Logo, “o tema deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre um enunciado. Em sua essência, o tema deste é individual e irrepitível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). E,

por conseguinte, o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação –, mas também pelos aspectos extraverbiais da situação. Sem esses aspectos situacionais, o enunciado torna-se incompreensível, assim como aconteceria se ele estivesse desprovido de suas palavras mais importantes. O tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228).

O sentido, destarte, distinguindo-se da significação, realiza-se como indivisível em segmentações linguísticas e irredutível a unidades textuais, determinando-se como “[...] um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

A significação, por sua vez, manifesta-se como a estrutura repetível da composição global do sentido, isto é, o conteúdo proposicional a partir do qual os sentidos se instauram pelos sujeitos em interação. Como nos diz Volóchinov (2017),

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

“juntamente com o tema, ou melhor, dentro dele, o enunciado possui também a significação” (p. 228). Tratam-se de “[...] aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em toda as ocorrências” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). A significação torna-se divisível, decompondo-se “[...] em séries de significações em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). Definindo-se como uma base semântica de relativa estabilidade, “a significação é um artefato técnico de realização do tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). Entre ambos, não podemos instaurar barreiras fixas de absoluta imobilidade, já que se interpenetram em sua recíproca constituição – tocando-se e se movendo, em suas partes intrínsecas, em direção à mudança e à variação: pelos sentidos únicos e unioorrentes a significação de relativa estabilidade coloca-se em direção à sua mudança.

“Não há tema sem significação, como não há significação sem tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). A significação trata-se do locus da inteirabilidade, espaço no e pelo qual os sentidos se inserem em cadeias responsivas: “[...] o tema deve apoiar-se em alguma significação estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229). Logo, em sua relação, “o tema é o limite superior, real, do significar linguístico; em essência, apenas o tema designa algo determinado. E o tema, assim, do signo trata-se da *realidade* que se torna o seu objeto. “A significação é o limite inferior do significar linguístico. Na realidade, a significação nada significa, mas possui apenas uma potência [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 231). Há uma interação dialética entre o sentido e a significação, que se constituem e determinam-se ao se refletirem, como nos aponta Bakhtin (2017):

a compreensão dos elementos repetíveis e não repetíveis do todo. Inteiração e encontro com o novo, o desconhecido. Esses dois momentos (a inteiração do repetível e a descoberta do novo) devem estar fundidos indissolúvelmente no ato vivo da compreensão: porque a não repetibilidade do todo está refletida também em cada elemento repetível, coparticipante do todo (por assim dizer, é repetível-não repetível) (p. 37).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

A partir de nossas considerações sobre a relação entre o sentido e a significação, compreendendo os reflexos do irrepitível no repetível, devemos entender que não há significações unas e sentidos fixos, mas, sim, processos ideológicos de significação em relação responsiva, pela qual se constituem e se regulam os sentidos e as significações. Portanto, “a pluralidade de significações é uma propriedade constitutiva da palavra” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 230). Pelos seus usos, forma-se, nas suas responsabilidades, uma memória semântica da palavra, que se instancia no âmbito da cultura: “[...] a palavra, com efeito, ‘rememora’ o seu passado” (MORSON & EMERSON, 2008, p. 391).

Para além das definições estruturais, podemos compreender que as palavras se referem, enquanto signos ideológicos, aos modos pelos quais os sujeitos significam a sua existência em formação. Logo, o campo de significações de uma palavra, que se forma a partir das produções de sentido – dos processos temáticos – como o seu limite inferior, trata-se de uma arena dialógica na qual se refletem conflitos entre as cosmovisões de classes e de grupos da sociedade onde se encontram. Como qualquer signo ideológico, a palavra determina-se pelo horizonte social de uma época e de um grupo social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110), que, segundo Grillo e Américo (2017), “é sempre constituído de interesses e valores, sempre em processo de formação, de um determinado grupo social [...]” (p. 360). Cada sentido ou cada tema do signo, que se sustenta sobre uma série de significações – que se determina, por sua vez, pelo sentido sob o qual se forma –, é uma forma pela qual os sujeitos, de modo refratado, representam a sua realidade em suas alteridades (ou melhor, como a constroem) a partir das condições materiais e dos sistemas produtivos de sua sociedade.

Contudo, apeguemo-nos à relação entre ambos os limites para compreendemos o complexo dialógico ao qual nos referimos como memória da palavra, entendendo, de antemão, o caráter significativo do sentido e o caráter potencial da significação (VOLÓCHINOV, 2017, p. 231). Por um lado, sem inserir-se em um processo ideológico de produção de sentido – ou seja, sem tornar-se um enunciado, para o qual se pressupõem sujeitos em alteridade, na sociedade, historicamente –, a significação perde-se como uma abstração, distanciando-se da

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

realidade da comunicação discursiva dos sujeitos, para quem se torna, aliás, nada. Primeiramente, portanto, uma significação, para compor o campo de uma palavra, necessita de encontra-se no plano ideológico de uma classe ou de um grupo, inserindo-se nas produções enunciativas dos sujeitos como uma realidade concreta: isto é, encontrar-se no campo da memória da palavra. Entendamos, por outro lado, que, sem se ancorar sobre uma significação, não se produzem os sentidos.

Na dialética entre ambos os limites, instauram-se os processos mnemônicos da palavra. E, graças às refrações ideológicas de sentido, dispersam-se linhas de significações de relativa estabilidade, que se sedimentam pelas responsabilidades nas quais se inserem. A palavra, enquanto signo ideológico do qual se utilizam os sujeitos, forma-se em seu duplo movimento responsivo, seja como um enunciado autônomo, seja como um componente enunciativo: em sua retrospectiva, pela memória do passado, quando se ancora no horizonte dos sentidos e das significações do pretérito para constituir-se como um acabamento relativo e provisório, e em sua prospecção, pela memória do futuro, quando se lança à abertura do devir dos processos ideológicos, uma vez que as cadeias multidirecionais de enunciados se encontram, assim como a língua em sua mudança ininterrupta, inacabadas em sua globalidade, dando-se às produções responsivas do porvir. E as significações, no percurso de formação das cadeias pelas quais se instauram as memórias de uma palavra, realizam-se como os fios condutores de ambos os movimentos referidos, já que se dissolveriam, sem as significações estáveis, os sentidos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

Logo, os sentidos pretéritos, nas e pelas significações, ecoam-se na ininterrupção do processo ideológico de sua formação, sempre se tornando outro. E, aí, situa-se a memória da palavra. Em quaisquer enunciados, reverberam-se vozes de um passado, remetendo-se à sua abertura ao futuro. No intrínseco de uma palavra, repercutem-se sentidos – cada qual com as marcas dos sujeitos e das sociedades pelos quais se formou –, muitos dos quais se estabilizam, de modo relativo, na produção das suas significações correspondentes. Trata-se de uma memória aberta, fluida, imprevisível e inacabada, cujos limites são imprecisos e indeterminados, já que se encontra em contínua formação.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

E, pelas nossas observações, percebemos como o sentido caracteriza-se como refratado pelas ideologias, o que se trata da própria natureza de sua constituição. A refração mostra-nos como a constituição da memória da palavra se situa, simultaneamente, no centro e no limiar dos conflitos ideológicos e materiais entre as classes e entre os grupos de uma sociedade, instaurando-se na linha movente das variações, das multiplicidades e das possibilidades, o que se correlaciona com a contingencialidade dos acontecimentos das interações discursivas e, logo, com a imprevisibilidade dos sentidos das produções enunciativas.

6 Considerações finais

Pelas nossas análises bibliográficas, atentando-nos ao princípio dialógico do correlacionamento, entendemos, em primeiro, a complementaridade epistemológica pela qual as obras dos pensadores do CBMV se formam, respondendo-se na abordagem de certos fenômenos no centro dos quais se encontra o sujeito. Trata-se de uma perspectiva que se sustenta sobre uma antropologia filosófica (BAKHTIN, 201, 42).

A partir daí, observamos os processos de formação dos signos ideológicos, entre os quais se localiza a palavra (que, por suas características, goza de uma primazia). Avaliando-a em sua ideologicidade dialógica, percebemos como a palavra manifesta-se como uma arena no interior da qual se travam conflitos, embates e tensões entre sujeitos de diferentes classes e de variados grupos, que se situam em uma sociedade hierarquizada e organizada. A palavra, portanto, torna-se o centro das dissonâncias ideológicas, instaurando-se, de igual modo, como indispensável aos processos de representação da existência social em formação, seja como enunciado autônomo, seja como componente enunciativo.

Condizentemente, inserimo-nos em uma concepção de língua como heterodiscurso, sem a qual não conseguiríamos analisar a palavra enquanto um signo ideológico pelo qual os sujeitos se lançam em conflitos dialógicos. No cerne da heterodiscursividade, emana-se a refração ideológica do signo, uma vez que o heterodiscurso se trata de uma acepção pela qual a língua se firma como um

movimento movente ao logo da sua história, o que se dá graças à uniocorrência dos acontecimentos de interação discursiva nos quais se inserem os sujeitos em suas alteridades únicas. Pelas refrações ideológicas dos sentidos, a palavra constitui-se como um campo de disputas, cujos arcabouços semânticos formam-se a partir dos distintos índices de valor pelos quais se constroem os horizontes sociais das classes e dos grupos de uma sociedade.

Elaborando um mapeamento epistemológico, ancoramo-nos na diferenciação entre o sentido, que se caracteriza como irrepetível e único, e a significação, que se caracteriza como inteirável e repetível, ambos como limites, respectivamente, superior e inferior do processo ideológico de produção de sentido. Em sua relação dialética, o sentido e a significação consubstanciam-se na formação da globalidade temática dos signos (ou dos enunciados), que se limitam, de modo mútuo, em suas relações responsivas, formando-se cadeias sígnicas pelas quais os sentidos se produzem alteritariamente.

Na inter-relação entre ambos os limites, que se cruzam de maneira dialética e interdependente, criam-se, por conflitos, os campos de significações de uma palavra, cujas zonas limítrofes encontram-se nas suas responsabilidades. As significações revelam-se como os fios condutores de uma memória do passado, pela qual a palavra se dá um relativo acabamento semântico, tornando-se as bases sobre as quais os sentidos se instauram. Pelos sentidos, que se definem como irrepetíveis e uniocorrentes pela sua ligação com a condicionalidade e com a situacionalidade dos acontecimentos históricos de interação discursiva, atualizam-se as significações, que se perpetuam pela sua mudança quando a irrepetibilidade dos sentidos ideológicos se reflete em sua repetibilidade. Logo, há a atualização da memória da palavra, pela qual se tornam sonoras muitas significações silentes – ou, de outro modo, quando signos de ausência se tornam de presença e vice-versa (VILLARTA-NEDER, 2018, p. 15-16).

A memória da palavra, portanto, não se refere apenas ao campo das suas significações, mas, sim, aos modos pelos quais os sujeitos representaram (ou representam) e compreenderam (ou compreendem) a sua realidade histórica. Trata-se de parte da sua memória social, pela qual se manifestam as palavras como os

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

indicadores mais sensíveis da mudança social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106) e dos conflitos ideológicos de uma sociedade. Colocando-nos além, devemos considerar, pela memória da palavra, a “renovação interminável dos sentidos em todos os contextos novos. O pequeno tempo – a atualidade, o passado imediato e o futuro previsível [desejado] – e o grande tempo – o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (BAKHTIN, 2011, p. 409).

E, pelos movimentos das responsabilidades retrospectivas e prospectivas, refere-se a uma memória dialética, pois se remete ao seu passado e ao seu futuro em sua abertura e em seu devir. Portanto, concordamos com Bakhtin, para quem, na e pela liberdade dialógica da memória, há o inacabamento do passado e a abertura do futuro, movimento segundo o qual podemos afirmar que se tornam os sentidos, potencialmente, infinitos em sua renovação.

Referências

AMORIM, M. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana**, São Paulo/SP, v. 1, n. 1, p. 8-22, 2009.

BAKHTIN, M. Fragmentos de 1970-1971. In: _____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2017, p. 21-56.

_____. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 393-410.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2016.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Texto completo da edição americana *Toward a Philosophy of the Act* (Austin: University of Texas Press, 1993, translation and Notes by Vadim Liapunov, edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov). Tradução destinada ao uso didático e acadêmico. Disponível em: <<http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/BAKHTIN,%20M.%20Para%20uma%20filosofia%20do%20ato.pdf>>.

_____. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: 34, 2015.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

_____. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo.** Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: 34, 2018.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo/SP: Hucitec, 2006.

DRUCK, G. A metamorfose das classes sociais no capitalismo contemporâneo: algumas reflexões. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, 2018, n. 41, v. 16, p. 68-92.

GERALDI, J. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: **Palavras e contrapalavras:** enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GRILLO, S.; AMÉRICO, E. Glossário. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: 34, 2017, p. 353-367.

MACCIOCHI, M. **A favor de Gramsci.** Tradução de Angelina Peralva. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1980.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo/SP: Contexto, 2016.

MORSON, G. EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin:** criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo/SP: Editora da USP, 2008.

SILVA, A. P. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo/SP: Parábola, 2013, p. 45-69.

SOBRAL, A. A estética em Bakhtin (literatura, poética e estética). In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Série Bakhtin:** Inclassificável, v. 1. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010, p. 53-88.

SOBRAL, A; GIACOMELLI, K. Memória, imprecisões, sentidos: em torno da proposta bakhtiniana de estudos da linguagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas/RS, v. 21, n. esp., p. 395-432, 2018.

STELLA, P. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 11-36.

VILLARTA-NEDER, V; TEIXEIRA, G; CASTRO DIAS, F. **Leituras responsivas:** uma proposta compreensiva do enunciado e do tema a partir do Círculo de Bakhtin. 2019. No prelo.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

VILLARTA-NEDER, M. Sobre silêncio e sentido: uma abordagem bakhtiniana. In.: STAFUZZA, G; FONSECA, J. (Orgs.) **Estudos discursivos em múltiplas perspectivas**: discurso, sujeito, sociedade. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2019, p. 61-90.

VOLOČHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: 34, 2019.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo/SP: 34, 2017.

VOLOŠINOV, V. **Marxism and the Philosophy of language**. Londres: Seminar Press Limited, 1973.

VOLOŠINOV, V. Marxismo e filosofia del Linguaggio: problemi fondamentali del motodo sociologico nella scienza del linguaggio. In.: PONZIO, A; PONZIO, L. (Orgs.). **Michail Bachtin e il suo circolo opere 1919-1930**. Milão: Bompiani/RCS Libri S.p.A, 2014, p. 1461-1839.

Recebido em: 28/02/2020.

Aprovado em: 21/08/2020.